

Após retração, a expectativa de novo modelo

O economista Paulo Rabello de Castro, editor da revista **Conjuntura Econômica**, da Fundação Getúlio Vargas, disse, no Rio, esperar que o governo recorra "a um planejamento maior", para fazer com que a recessão de 1983, que considera "muito provável", tenha, "em primeiro lugar, o menor custo social possível" e, depois, "marque o início de uma mudança na política econômica brasileira".

"Espero que essa recessão lance o Brasil dentro de uma nova regra de política econômica mais viável, que leve em consideração os novos padrões da economia internacional em que o País está inserido", afirmou o economista.

Ele enfatizou que as dificuldades previstas para 1983 "nada mais são do que a projeção aritmética dos fatos presentes" e, ao comentar a disposição do governo de atingir, no próximo ano, um superávit de US\$ 6 bilhões na balança comercial, considerou que existem apenas duas saídas:

"A primeira é o simples corte das importações, que representa um sacrifício maior e, diria, menos útil; a segunda, que o governo deverá anunciar na próxima reunião do Conselho Monetário Nacional, será a do aumento das exportações. Embora aritmeticamente seja a mesma coisa cortar a importação e aumentar a exportação, economicamente não é. No caso do aumento das exportações, estaremos aumentando a poupança interna e, por outro lado, garantindo divisas e empregos internos, domésticos, que são absolutamente necessários num momento em que não se pode esperar um grande aumento líquido das vagas no setor industrial brasileiro".

"TEREMOS SAUDADE"

Como a recessão provoca necessariamente o desemprego, os dois grandes fundos sociais existentes no País — a Previdência e o FGTS — terão reduzida a entrada de recursos compulsórios, já que seus beneficiários não terão salários para descontar os benefícios para esses fundos. A respeito desse assunto, Paulo Rabello de Castro observou: "Na medida em que, mediante uma recessão, a folha de salários cair em termos reais, teremos despesas rígidas desses fundos, ou até mesmo ascendentes em alguns casos, com receitas em queda, visto que elas são atadas a uma porcentagem da folha de salários que está em queda".

A dimensão que os dois fundos, sobretudo a Previdência, assumiu poderá levar a uma situação tão grave que Rabello de Castro não hesita em prever: "Chegaremos a sentir saudade do atraso de pagamento das empregadoras".

"É preciso minimizar o corte da folha de salários, ou seja, é preciso minimizar a queda do emprego, e, para isso, precisamos rediscutir fórmulas mais flexíveis, para garantir a estabilidade do emprego. Ora, essa estabilidade não pode ser garantida à revelia do corte da fatia de lucro. É impossível manter o setor empresarial trabalhando com prejuízos acumulados. É importante que haja a compreensão de que o sacrifício tem uma utilidade, que é a flexibilização das oportunidades de emprego, no próximo ano," destacou.

Projetando a realidade econômica para 1983, o economista disse que todos verificarão que, após dois anos de reduções bruscas nos volumes importados, "para que a indústria cresça, ainda que modestamente, no ano que vem, teremos de fazer uma recomposição de matérias-primas importadas em estoque. Ou seja, será necessário supor não um corte nas importações, mas em alguns aumentos no volume das trocas importação/exportação, a fim de conseguirmos uma evolução, ainda que modesta".